



TRAÇOS DE CHICO XAVIER

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
AUTORES DIVERSOS**

EDITORA CEU

**DIGITADO POR RAFAEL LIMA
ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CASA DA ESPERANÇA**

Sumário

Prefácio - Beatriz Galves

Mensagem de Chico Xavier aos pacientes do Instituto Bairral / 05

Traços Pitorescos - Deolindo Amorim / 08

O Homem - Mário Boari Tamassia / 12

Exposição sobre a mediunidade de Chico Xavier - Vitor Ribas Carneiro / 18

“50 anos depois: Este jubileu vale mais que ouro” - Zair Cansado / 22

O médium dos impactos - Pedro Franco Barbosa / 23

Meio século de fidelidade a kardec - Floriano Moinho Péres / 32

Cidadão da luz - Fernando do Oz / 36

Nota da grande imprensa - Senador Artur da Távola / 39

Homenagem a Chico Xavier - Senadora Júnia Marise / 40

Traços de Chico Xavier - Carlos Madi / 43

Prefácio

Este livro interessa a todos que queiram saber um pouco mais a respeito de nosso querido Chico Xavier. Oferecendo à sua leitura uma mensagem pessoal assinada pelo próprio Chico, e diversos textos de membros notáveis da comunidade espírita, é uma homenagem comemorativa pela edição do 400º volume fruto desta incansável mediunidade.

Nesta coletânea, endereçando-se aos pacientes internados no Instituto Bairral, em Itapira, São Paulo, Chico revela traços de sua própria personalidade, valores e anseios pessoais. Seguem-se depoimentos selecionados a partir de publicações originais do Jornal Espírita de São Paulo em 1977, quando comemorávamos seus 50 anos ininterruptos de trabalhos mediúnicos. O leitor terá oportunidade de conhecer episódios muito interessantes e verá que os comentários continuam pertinentes e atuais, após 19 anos passados. Naquela época, havia aproximadamente 150 livros editados. Mais recente, um depoimento publicado em 1995 na Folha Espírita, de São Paulo. Finalizando, transcrevemos o artigo de S. Exa. Senador Artur da Távola publicado no jornal O Dia, Rio de Janeiro, e transcrevemos na íntegra o pronunciamento de S. Exa. Senadora Júnia Marise no Congresso Nacional, aos 2 de abril de 1995, ambos em congratulação aos 85 anos de vida terrena deste maravilhoso ser humano.

A capacidade mediúnica de Chico Xavier posiciona-se entre as de maior abrangência que se tem conhecimento. Seu exercício levou-o a diversas atividades, priorizando o campo literário através da psicografia como sua maior tarefa, assumida com seriedade profissional.

Todavia, aproveito esta oportunidade para enfatizar que, embora pudesse ter também dedicado sua atenção a outras áreas, seu avançado grau de compreensão humana, religiosidade e amor cristão levaram-no fundamentalmente à prática da caridade e ao estímulo desta através do exemplo pessoal.

Tão vasta quanto sua produção literária, quiçá maior, é sua atividade de semeador: sua atitude amorosa, ponderada e respeitosa, sua vida integralmente dedicada a serviço do próximo, batalhando incansavelmente por uma melhor condição de vida para o ser humano, de acordo com os ensi-

namentos deixados por Jesus e Kardec, exemplificam a vivência da caridade nas relações pessoais e comunitárias. São de Chico Xavier as palavras:

“O Cristianismo é a estaca básica da Doutrina que abraçamos. Não podemos afastar Jesus do Espiritismo. Há uma passagem bíblica em que Jesus diz aos discípulos que não proíbe que seus passos os levem para onde quiserem. Ao que um dos discípulos responde: “Mestre, sem o Senhor, para onde iremos?”

Que a mesma alegria que tivemos ao ler estes excertos possa estar em seu coração, e que a luz brilhe sempre em todos nós!

Beatriz Galves
São Paulo, 17 de agosto de 1996

Mensagem de Chico Xavier aos Pacientes do Instituto Bairral

Foi tamanho o fascínio que a família dos internados do Instituto exerceu sobre mim, da primeira vez que estive aqui, que não hesitei em voltar para dar um abraço a todos os nossos amigos, a todos os amigos de Itapira, mas, muito especialmente, a todos vocês, meus irmãos e minhas irmãs que se encontram sob este abençoado teto, buscando a restauração espiritual que, na essência, nós todos estamos procurando em nossa existência terrestre.

Nós todos fomos colocados dentro da reencarnação como criaturas que buscam a sua própria recuperação diante das Leis de Deus. Se existem companheiros nossos que não se encontram nessa condição, em qualquer região do mundo, esse alguém será uma criatura rara que talvez esteja dispensando cuidados especiais de missões verdadeiramente angélicas.

Mas nós todos somos espíritos em recuperação e, de quando em quando, precisamos de recolhimento, seja num quarto de hotel, num aposento de nossa própria casa, num regime que nós consideramos como sendo regime de férias, ou então, em uma casa abençoada como esta nossa em que nos demoramos mais um pouco, tratando de nossa própria restauração.

Vimos dar um abraço a todos, pedindo a todos os nossos amigos, a todas as nossas amigas, que aqui se encontram, aquela fé viva e profunda, que devemos ter na Divina Providência, que nunca nos abandona. Às vezes nos achamos dentro da vida terrestre como criaturas sitiadas por problemas afetivos que nos parecem, às vezes, de solução absolutamente inacessível, mas podemos estar certos de que as mãos Misericordiosas de Deus, através de muitos modos, nos socorrem. Não há ninguém abandonado. Nós todos estamos recebendo zelos particulares de Nosso Senhor Jesus Cristo, em nome de Deus.

E basta que façamos a aceitação de nossas dificuldades, de nossas lutas, para prosseguirmos adiante. Às vezes chegamos mesmo a sentir no coração que todos processo religioso de fé será uma ilusão. Quantos de nós teremos dito: “Mentira!” quando nós ouvimos uma oração. Mas isso é natural.

Nós todos sofremos e, quando nos achamos nesta situação, recusamos, às vezes, embora transitoriamente, até mesmo o socorro da fé. Mas tudo isso é natural.

A vida não termina no corpo terrestre. Continuaremos adiante. Então, tanto quanto pudermos, tenhamos fé, confiança na Providência Divina, certeza de que não estamos abandonados.

E as nossas dificuldades, que elas sejam para nós lições abençoadas do caminho, como as lições e provas que nós só aprendemos na escola, quando estamos buscando determinada titulação para que a vida se nos faça valiosa no plano terrestre.

Peçamos a Deus coragem, força para superar as nossas crises, apoio íntimo para que a paz nos felicite e que nós possamos viver com a alegria maravilhosa com que Deus organizou o mundo que habitamos. O sol a derramar-se em luz permanente, o dia claro, as fontes derramando água limpa, árvores que nos estendem verdadeiros braços peçados de frutos que atendem a nossa alimentação.

O milagre da sementeira pelo qual pequeninas sementes fazem lavou-
ras enormes que sustentam a coletividade, o prodígio do trabalho através do qual nós podemos esquecer os nossos problemas e valorizar o nosso tempo melhorando as nossas condições de vida.

A felicidade de termos amigos e também a alegria de termos adversários, que são aqueles representantes da incompreensão a nosso respeito que nos auxiliam também a policiar o próprio coração e caminhar com mais segurança.

Tudo que existe na Terra é grande, tudo é belo, tudo nos induz à confiança no Poder Maior que organizou este mundo como casa privilegiada para nós todos.

A Terra, no fundo, se assemelha, em dimensões muito mais vastas, a um instituto como este, em que nós todos estamos internados, do ponto de vista espiritual, para cogitar de nosso próprio aperfeiçoamento.

Então, eu não tenho nenhuma palavra que possa traduzir conselho ou orientação.

Eu também sou um irmão de todos, um servidor de todos, e me encontro em recuperação. Sou também um espírito doente. Compreendo que meu corpo é assim como uma cela, em que me internaram pela Misericór-

dia de Deus, para que eu pudesse cuidar de meu tratamento. Quando eu recebo o abraço de um amigo, a prece de outro, o carinho de um coração maternal; quando me encontro com alguém que me ampara, que me estende um conselho, que me transmite algum ensinamento, eu compreendo que tudo isso é remédio para que eu aplique a mim mesmo.

Então, eu estou diante de meus irmãos e minhas irmãs, mas com muita simpatia e com muita vontade de ficar aqui, com muita vontade de me matricular também na família de internados do Instituto Bairral. Ficar com vocês, alimentar-me com vocês à mesa, compreender com vocês as dificuldades, muitas vezes, da nossa vida mental pra nos acomodarmos com certas situações de nossa família, seja família da consangüinidade, seja família social; trocar idéias com vocês, me sentar debaixo das árvores, ouvir estas preces, as músicas cantadas por vocês, para que eu pudesse aprender mais.

Não pensem que eu estou aqui ensinando alguma coisa. Eu vim dizer a vocês, meus irmãos e minhas irmãs: - Que vontade de ficar com vocês! E vocês todos que oram, peçam também por mim a Deus, para que, quando eu puder, eu venha ficar com vocês.

Deus abençoe a vocês todos pela atenção com que me ouvem.

Deus abençoe vocês todos por tudo de bom que vocês me oferecem.

Eu desejo a vocês a paz e a alegria, e que esta casa seja sempre abençoada por Jesus e por seus Mensageiros. É tudo o que eu posso dizer.

Muito obrigado!

Chico Xavier

(Mensagem proferida por inspiração de seu benfeitor Emmanuel, aos 22 de agosto de 1973, no auditório do cinema do Instituto Bairral, em Itapira, São Paulo)

Traços Pitorescos

A partir de 1932, com a publicação do Parnaso de Além-Túmulo, Chico Xavier passou a ser uma figura constante na literatura espírita. Hoje, na realidade, é a figura de expressão histórica. No decorrer de meio século, desde que nele despontou a faculdade mediúnica, o admirado e humilde médium de Pedro Leopoldo, como então se dizia (e hoje se diz de Uberaba), a pessoa de Chico Xavier tornou-se um ponto de convergência indiscriminada pois, à procura dele, como até hoje, concentravam-se pessoas de todos os níveis sociais e por motivos diversos: sofredores do corpo e do espírito, na maioria dos casos; jornalistas, à procura de assuntos para reportagem ou entrevistas; críticos literários, querendo “tirar a limpo” a questão da autoria espiritual de suas obras; gente desajustada psicologicamente, a pedir orientação; casais em conflito, com o lar ameaçado de desmoronamento, apelando para Chico Xavier a fim de encontrar um meio de reconciliação. E a ninguém deixou ele de dar o lenitivo de uma palavra consoladora.

Se é verdade que muitos procuraram Chico Xavier para pedir consultas sobre assuntos corriqueiros e problemas irrelevantes, também é verdade que outros, muitos outros, têm seus motivos sérios, seus dramas, suas preocupações e angústias deprimentes.

A obra mediúnica de Chico Xavier já constitui uma literatura de vulto, abrangendo diversos campos, como a poesia, o romance, a elucidação filosófica, a dissertação histórica, a discussão de temas científicos, o ensaio moral, a mensagem, que refulge em toda a sua produção, recebida do Alto.

À luz desse quadro de realizações, há um aspecto que podemos chamar de pitoresco em Chico Xavier. Pitoresco, ao pé da letra, é simplesmente aquilo que pode ser retratado na tela, no livro, perfil, etc; mas também há o pitoresco no sentido especial de originalidade ou expressão própria. É o caso, por exemplo, da confluência de vários estilos na obra de Chico Xavier.

Do mesmo modo, seus trabalhos mediúnicos são de caráter muito variado, pois tanto recebe comunicações poéticas, quanto comunicações relativas às ciências, algumas vezes com termos técnicos, inevitavelmente.

Em tudo, porém, se fixa uma idéia dominante, o fio de unidade, podemos dizer assim, justamente porque, embora discorrendo sobre matérias tão distanciadas entre si, toda a obra, em seus conjunto, tem um objetivo maior e permanente: transmitir a mensagem da Espiritualidade conclamando os homens para a compreensão e o amor, a despeito de todas as dessemelhanças de ordem técnica, social cultural, religiosa, etc.

Muito já se escreveu, nestes últimos anos, sobre a obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, mas não se pode falar a respeito das obras sem considerar a posição do homem que é o instrumento dessa imensa produção.

Como pessoa humana, Chico Xavier revela abertamente duas características impressionantes: a paciência e a resistência física. Sobrepondo-se às exigências físicas, ele atende, pacientemente, a quantos o cercam, nas palestras ou reuniões públicas, sem falar no atendimento constante nas sessões do Centro. Sinceramente, às vezes, eu fico com pena do Chico... Como é que um homem, que não é mais moço, vem para uma reunião, concentra-se, recebe comunicações e, logo em seguida e de pé – veja-se bem – fica atendendo à verdadeira multidão em fila, até altas horas, entrando pela madrugada?...

Todos querem falar com Chico, querem apertar-lhe a mão, pedir-lhe um conselho, trazer-lhe um livro para ser autografado por ele. E Chico, sempre sereno, sem se alterar, sem demonstrar a mínima inquietação, vai atendendo um por um, sem levar em conta o relógio, como se fosse uma criatura de ferro e não de carne e osso.

É certo que não há de faltar a indispensável cobertura espiritual, pois um médium, como ele, nunca está sozinho, mas o esforço humano é intenso e extenuante.

Já houve uma reunião, por exemplo, em que a fila de autógrafos terminou lá pelas três da madrugada. E ele já havia, na mesma noite, tomado parte em solenidade, tendo recebido uma comunicação um tanto longa.

Muitos, por necessidade, entram na fila porque precisam realmente de orientação ou de um conselho, outros, porque desejam conhecê-lo em pessoa; outros, porque fazem questão de levar um autógrafo como lembrança e assim por diante.

Tudo isso é humano e tem seu lado afetivo, muito apreciável. Mas nem por isso deixa de haver, às vezes, alguma insistência que bem poderia ser evitada em benefício do próprio Chico e das pessoas que estão aguardando a sua vez.

É o caso de pessoas que, embora a fila esteja grande demais, envolvem o médium de tal forma, relatando problemas, expondo situações complexas, sem se preocuparem com o tempo, como se somente elas tivessem de ser atendidas. E Chico Xavier, com a calma inalterável, faz o que pode em tais situações; mas precisamos pensar um pouco na pessoa do médium, que também necessita repouso.

Então, além da produção mediúnica, que é a maior do gênero, quer do ponto de vista quantitativo, quer do ponto de vista qualitativo, Chico Xavier tem, ainda, uma resistência física como poucos homens de sua idade.

Como obra mediúnica, indiscutivelmente, a de Chico Xavier é a maior, pelo número de livros e mensagens, como ainda pela versatilidade dos assuntos.

É verdade que alguns livros de Chico Xavier ainda suscitam discussão ou reservas, não por causa do médium, mas devido à natureza dos assuntos.

Determinadas assertivas, de origem extra-humana, certamente ainda necessitam de tempo, pois os espíritos, como ensina o Espiritismo, também emitem opiniões próprias. Não é pelo fato de ser opinião de um espírito que tal ou qual declaração deva ser tomada incondicionalmente como um princípio definitivo.

O tempo – não faz mal repetir o conselho da experiência – é sempre bom guia. O médium, entretanto, continua a cumprir sua trabalhosa e meritória missão, recebendo e transmitindo o que vem do Alto.

Nestes cinquenta anos de atividades mediúnicas, Chico Xavier já consou muito, já instruiu muito através de seus livros, mas é difícil avaliar, em termos estatísticos, o número exato das pessoas que beberam ensinamentos nas obras por ele recebidas e, hoje, estão transformadas, porque aprenderam a ver a vida por outro prisma, muito mais claro e mais racional.

Outras, que absorveram as leituras de André Luiz, Emmanuel, por exemplo, ficam incógnitas, porque têm receio de enfrentar os preconceitos

e as conveniências sociais. Não importa, pois o mais importante é que a luz da sabedoria se espalhe em todas as latitudes.

Por ser médium – é uma contingência da faculdade mediúnica perante os homens – Chico Xavier não pode evitar certos exageros. Os exageros podem chegar à idolatria pessoal, como podem provocar suposições contraditórias. Que culpa teria Chico Xavier, por exemplo, de se dizer, lá uma vez por outra, que, depois da obras de Emmanuel e André Luiz, não há mais necessidade da Codificação de Allan Kardec? São manifestações puramente esporádicas, nas quais se revela, sem tirar nem por, a demonstração de completo desconhecimento da Doutrina.

Mas não é Chico Xavier que deve intervir em tais discussões e por as coisas nos devidos lugares. Sua missão está a salvo das interpretações precipitadas.

O trabalho do médium, seja qual for o tipo de atividade que lhe seja destinado, vale pelos frutos que se espalham e perduram, porque são frutos do espírito. Que frutos? Glória literária, evidência social, vantagens materiais? Claro que não. Mas os frutos do dever cumprido, quase sempre recebendo o látego da crítica ferina de adversários sistemáticos do Espiritismo.

Nenhum médium, quando compenetrado de seus deveres, fica incólume a tais adversidades.

Mas o bem sempre vence, apesar de todas as sombras e todos os espinhos. O médium não é um santo, como não é um ser puro, mas um instrumento escolhido para experiências difíceis. Por isso, o médium precisa muito de apoio espiritual. Chico Xavier já recebeu muito e já deu muito. Entretanto, ainda precisa de compreensão e solidariedade, pois a missão mediúnica não parou nos livros já publicados.

Deolindo Amorim
Jornal Espírita, São Paulo

O Homem

Pietro Ubaldi, na apresentação do seu livro “Fragmentos de Pensamento e de Paixão” diz: “Apresento-me como homem”.

Não conheço nada do Chico Xavier, em que se apresente deste modo. O que fala de si, di-lo ligado ao contexto do que representa como instrumento mediúnico e, nessa instrumentalidade, ressalta o fato de ser simples servo de Jesus e discípulo de Kardec.

No entanto, é no decorrer de pronunciamentos ocasionais em círculos estreitos, nas entrevistas, em cerimônias de concessão de títulos, que deixa escapar fragmentos do seu lado humano. Um exemplo dessa amostragem deu-se quando, no vídeo, perante milhões de telespectadores, ele contou que viajava num avião e este, batido por uma tempestade, começou a balançar. Deixou-se tomar, então, por grande pânico e pôs-se a gritar: “Valei-me, Deus”, pedindo o amparo superior com escândalo, ao que seu mentor espiritual, Emmanuel, prontamente atalhou: “Se você sabe que vai morrer, morra, ao menos, com educação”.

Neste confiteor, como em muitos outros, ele se põe a descoberto, mostrando a sua falta de coragem diante do perigo ou relatando-a jeitosamente, em dado momento, a fim de que não o julguem um pequeno Deus.

Evidentemente que a sua estrutura fisiopsicossomática, na terminologia de André Luiz, deve ser muito delicada para que possa ser um D’Artagnan ou sentir impulsos sanguíneos como respostas naturais aos desafios do meio ambiente terreno.

Noutro memento humano, surpreendemos Chico dispensando uma afeição toda particular a esta ou aquela senhora, a este ou aquele cidadão, prendendo-se, em demasia, a tal ou qual grupo de pessoas.

R. A. Ranieri, que teve a ventura de conviver mais intimamente com o nosso médium e que deixou valiosa contribuição bibliográfica, encontrava dificuldade em interpretá-lo convenientemente. De modo geral, o seu coração é terno e agasalhador para todos. Particularmente, porém, Chico Xavier dá-se, num momento existencial, para este ou aquele alguém, distinguindo-o de modo especial. Os que desejariam tê-lo, assim, mais junto de

si e com maior intimidade, porque é realmente querido, sentem então despeito pelos que conseguem, no seu coração, este lugar especial.

Estas pessoas beneficiadas pelo seu afeto humano, no entanto, não o exploram particularmente, como poderia parecer à primeira vista. Possuem entusiasmo febricitante em servi-lo, em acompanhá-lo ou, ainda, em permutar eflúvios e respirar aquela atmosfera radiante e extraordinária.

Muitos destes, principalmente damas, algumas desfrutando alta posição social e econômica, revelam tal disposição ao trabalho e fidelidade à obra, que atravessam uma noite sem dormir, tornam-se imunes ao cansaço e conseguem o que não é para qualquer um: agüentar o Chico em sua resistência e fleugma, impressionantes, na sua disposição para estar novo em folha, às tantas da madrugada, quando a maioria já deu o prego.

Mas parece-me que não era de outro modo que agia Jesus e, no Seu ministério, vemo-Lo ser de toda a humanidade, mas amar, de maneira diferente, aquelas mulheres que o serviam, Jesus chorou a morte de Lázaro. E vendo-o chorar, os judeus murmuravam: “Vede como ele o amava!” (Jô II. 35).

Este tipo de relacionamento, muitas vezes, poderá causar perplexidade, se não estivermos preparados para entendê-lo. Numa fase pode demonstrar profundo interesse pessoal por nós, tornando-nos comensal, para, mais adiante, passar por nós como diante de outro qualquer. No dizer de Ranieri: “Assim como o beija-flor que vem pressuroso buscar o pólen das flores e, depois, se afasta velozmente, Chico também se aproxima feliz, contempla-nos, por um momento e, depois, se afasta...”

No entanto, eu que o observei à meia-distância, perto dele, mas não na sua intimidade, acredito que, nesse relacionamento com os semelhantes, mormente confrades, permaneça o mesmo traço que o levou a mostrar a sua fraqueza diante do perigo aéreo. Ou seja, importa reconhecer-se a sua natureza delicada, de tal modo humilde e amável, que se entrega aos que se mostrem mais corajosos na aproximação. Quem lhe conquista mais horas de atenção é aquele que se mostra mais afoito.

Eu, que também neste ponto sempre fui muito tímido, com medo de incomodar, tomar o tempo das pessoas destacadas, muitas vezes estive em Uberaba e, ali, na Comunhão Espírita, era escolhido para compor a mesa e

fazer comentários sobre os temas da noite. Mas nunca conseguia uma aproximação apreciável com o Chico.

Fora dos trabalhos, muitas vezes, soube por terceiros, que transitara por Campinas, estivera na casa de A, reunira-se a B, aos quais parecia tributar amizade à parte. Estas pessoas, às vezes, não tinham nenhuma significação no movimento espírita, mas tinham-no como amigo, enquanto grandes diretores de obras suspiravam por uma oportunidade, na qual pudessem receber uma orientação espiritual.

Que se deduz disto? Que, além desta sua natureza especial, sensível aos que o tomem, nunca fez de sua mediunidade um instrumento de dominação ou de política religiosa. Pregou, anunciou mas não insinuou e nem insinuou-se. Nunca comandou, e portanto, não aliciou. E isto tem sido bom, muito bom.

Quando lemos o livro de Jacob Nedleman “As Novas Religiões”, temos de nos deter na figura do célebre Meher Baba, nascido em Pooma, na Índia, e educado no Sufismo e na religião de Zoroastro. Ele parece ter-se tornado um dos chamados Mestres Perfeitos que tomam a si o governo do mundo e ter despertado enorme afluxo de jovens para a sua quase que adoração. No entanto, e isso é incrível, parou de falar em 1925! Mais de quarenta anos, sem dizer palavra! Os seus adeptos, em todo o mundo, porém, esperavam ansiosos a quebra do “Silêncio”, da mesma maneira entusiasta com que os milenaristas esperavam eufóricos o “Fim do Mundo”, mas Meher Baba não quebrou o silêncio, não disse nada, pensou bastante e lá se foi para o outro mundo.

Não deveríamos nos deter tão só neste consagrado Mestre Perfeito, mas faria bem que acompanhássemos os passos de Paul Brunton através da Índia, em busca de tais mestres que, na verdade, parece nunca ter encontrado. E, só então, compreenderíamos que é que está acontecendo de maravilhoso, no Brasil contemporâneo.

Quando Hamendras Nat Barneje esteve no Brasil, colocou com Chico Xavier e, então, pediu-lhe as “bênçãos”. Declarou, depois, publicamente, através da Manchete, que Chico era o baba brasileiro.

No entanto, o santuário ou o “Ashram” do Chico é feito de gente. Gente de toda espécie, principalmente necessitada. Gente sofrida, angustiada, rica, pobre, acotovelando-se e trocando suor. Muitos desejando algo, ou-

tros querendo ouvi-lo e vê-lo e alguns recebendo estímulo para a respectiva obra de benemerência.

Ele é o que transmite. Não tanto de si, mas como simples trombeta, na qual sopram os Emissários do Senhor. Não em som de Juízo, mas de “meeting”, em que se dá o mais estranho o ágape de todos os tempos: o do encontro entre vivos e mortos para o reencontro do caminho perdido da cristandade. O “ditache” que vão deixando, através dele, é um Evangelho vivo, operante e interiorizado, o da III Revelação.

Quando, recentemente, alguns confrades, também por amor, desejavam recriminar aquelas pessoas que o levam por Meca, em cansativas noites de autógrafos e de recebimentos de títulos de cidadania, Chico, na direção do jornal Nova Era, de Franca, veio esclarecer que “essa fase estava programada, porque, no momento, lhe competia o esforço de alargar os horizontes do movimento espírita que precisa de expansão ideológica, muito mais do que livros reveladores.”

Nenhum recolhimento, nem silêncio, nenhum eremitério nem gruta de Santo Antão, nenhuma atmosfera mística nem posição de Mestre Perfeito.

Certa ocasião, eu estava na fila, na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, a fim de cumprimentar o Chico. Logo depois de mim, encontrava-se um solerte professor de Parapsicologia, há tantos por hora na poltrona. Chegando a vez do Dr. Para-Si falar como Chico, a fila parou. Atrás, crianças, senhoras, pessoas doentes. Ele, com impertinência, insistia para que o Chico aderisse a um trabalho de pesquisa parapsicológica. “Precisamos trabalhar juntos” – falava e tornava a falar. Pela primeira vez, vi o Chico perder a estribeira, ficar um tanto nervoso, acabando por dizer-lhe: “Sim, vamos trabalhar juntos. Volte aqui amanhã. Vamos servir sopa para estes pobres famintos.”

Se se trata de conhecer o Chico Xavier-Homem, importa que se destaque a sua impressionante coragem moral e espiritual. Em nenhum momento, vemo-lo tergiversar, recuar, no plano em que domina, o espiritual, não se curva diante da calúnia, da traição e de quaisquer outros processos esquivos do adversário. Muitas vezes deverá ter sofrido o abandono e a incompreensão. Continuou impávido, mas corajoso do que Hércules, ele, justamente, eu talvez não seja capaz de matar uma mosca.

É, sobretudo, na humildade que reside a sua força e é com ela que esgrime. A estocada de seu florete derrama perfume e inculca no corpo do adversário o plasma de amor. Querem-no, os da galeria, ovacionando-o, que, dê marradas ou destile verrimas, mas ele logo obtempera: “Antes de tudo, pedimos licença para dizer que temos aprendido com os Bons Espíritos que as titulações exteriores não nos afastam das obrigações de amparo mútuo em nome do Cristo de Deus.”

Quando se refere aos representantes da Igreja, fá-lo respeitosamente e com tanta delicadeza que muitos dignitários eclesiais chegam a estimá-lo, embora saibam que lhes roube enorme quantidade de reses do rebanho. O Monsenhor Sebastião Scarzelli foi confessor de Chico Xavier e este nunca o esquece, assim como o Monsenhor, também, lembra-se do médium com carinho: “Conheci-o muito bem, quando vigário de Matosinhos, Minas Gerais. Era, então, balconista do senhor Carvalho, na cidadezinha de Pedro Leopoldo. A família do Chico era de bons costumes. Seu pai vendia bilhetes de loteria. Constantemente, eu procurava conversar, na venda do senhor Carvalho, com este pequeno empregado, apreciando no Chico a dedicação com que servia a freguesia”.

Talvez este treinamento atrás de um balcão de venda do interior lhe tenha valido muitos anos depois, famoso, devesse atender outro tipo de freguesia, em busca da mensagem espiritual.

Tendo se deslocado da Comunhão Espírita para o Grupo Espírita da prece, quis estar mais frente a frente com este público, sem intermediários.

Vimo-lo, então, na porta de entrada recebendo o público, com lápis e papel na mão, atendendo um por um, anotando nome, o motivo, a intercessão desejada para si, para o tio, primo ou a avó que havia morrido muitos anos passados.

Ele, conselheiro, médium, e escrivinhador. Ao menos, desejava dizer que a pena mais cintilante pode parar, por um momento, para suavizar a dor do semelhante. Sempre a primazia do amor.

Não conseguiríamos, num espaço assinalado, falar do Chico Homem. Se devêssemos, entre tantos dons, ressaltar um importante, tomaríamos a sua alegria contagiante. Alegria infantil, em que não há malícia. Num convento – conta-nos o saudoso Carlos Imbassahy – os monges quando se encontravam, mostravam um ao outro, nos cumprimentos, uma caveira, e as

palavras não eram “Bom Dia”, mas, “Irmão, lembrai-vos de que sereis isto amanhã”.

Chico Xavier é a parte solar e brilhante do Cristo. No Evangelho que nos verte do coração, não há ilustrações com Nosso Senhor Jesus Morto porejando sangue. Como Francisco de Assis, naturalmente, gostaria de ser seresteiro. Aprecia a noitada de confraternização, em tom de camaradagem sã e alegre.

Para que não se azede esse companheirismo, às vezes, é levado a nos enganar, deixando-nos à vontade com os nossos pendores. Alguns amigos – conta Ranieri – levaram-no a pescar. Chico Xavier ficava quietinho, quietinho, co a linha na água. Todos pescavam, menos ele. Até que um dia se desfez o mistério. Chico não colocava o anzol na linha!

Mário Boari Tamassia
Jornal Espírita, São Paulo, SP

Exposição Sobre a Mediunidade de Chico Xavier

O vocábulo latino médium significa meio, intermediário. É a pessoa através da qual os Espíritos externam seus pensamentos, usando seu aparelho vocal, ou servem-se de sua força psíquica para produzirem os mais variados fenômenos de efeitos físicos. Enfim, todas as manifestações de ordem espiritual, quer sejam inteligentes ou não, só se produzem havendo alguém dotado da faculdade mediúnica, mais ou menos desenvolvida.

Feita esta conceituação sobre o médium, embora sintetizada, vamos falar, a seguir, sobre um dos mais seguros intérpretes dos Espíritos até hoje surgido em todo o mundo: trata-se de Francisco Cândido Xavier, mais conhecido por Chico Xavier.

Conhecemo-lo, pessoalmente, no ano de 1951, quando o visitamos em Pedro Leopoldo, sua cidade natal, distante cerca de 60 quilômetros de Belo Horizonte (MG).

Fizemos uma viagem cansativa, pois a nossa condução era um pequeno carro arca Renault e o trajeto foi feito pelo Triângulo Mineiro, cujas estradas, naquela época, eram todas de leito natural. Viajamos cinco dias consecutivos para alcançar a pitoresca cidadezinha mineira, onde residia o Chico desde que nascera.

Mas valeu a pena. Nosso contato com o famoso médium de Pedro Leopoldo nos estimulou bastante para prosseguirmos na luta que abraçamos, ou seja, a de divulgar a Doutrina Espírita por todos os meios de que dispomos.

Objetivamos homenagear Chico Xavier, ao ensejo do transcurso do cinquentenário de sua atividades mediúnicas, o que fazemos prazerosamente, embora não nos seja possível abordar, num trabalho jornalístico como este, todos os fatos registrados através de sua mediunidade, fatos esses que se enquadram, sem dúvida alguma, na mais complexa técnica mediúnica de que é detentor o missionário Pedro-leopoldinense.

E o primeiro acontecimento, para nós muito importante, porque se verificou quando de nossa viagem a Pedro Leopoldo, foi o da sua aparição à minha mulher, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG), no hotel onde

pernoitamos. Eram aproximadamente cinco horas da madrugada quando procurei acordá-la para prosseguirmos viagem.

Nesse exato momento, o Chico acabava de transmitir-lhe um passe reconfortador. Realmente, em virtude da longa jornada já percorrida, e também porque minha mulher naquela época apresentava sintomas de “angina pectoris”, estava bastante abatida, motivo pelo qual o Chico, possivelmente ligado pelas nossas vibrações mentais, desdobrou-se e veio prestar-lhe o indispensável auxílio. Trajava ele, na ocasião, terno listrado, detalhe esse que minha mulher não se esquecera.

Chegamos a Pedro Leopoldo, numa sexta-feira, e fomos ao Centro Espírita “Luiz Gonzaga”, onde o Chico trabalhava. Cerca de quarenta pessoas, vinda de vários pontos do país, também ali aguardavam sua presença.

Precisamente às 20:30 horas, dava entrada no salão daquela Casa um moço moreno, trajando camisa esporte e calça listrada. Houve apresentações por parte dos presentes, que ainda não o conheciam. Nós também fizemos a nossa, dizendo que chegáramos de Curitiba – Paraná – e que éramos espíritas militantes. Diante disso, Chico recomendou-nos que ficássemos à vontade pois, segundo disse, éramos da casa. Precisava atender os que o procuravam para expor seus problemas. Antes, porém, de se afastar, minha mulher, observando seu traje, disse-lhe: - Chico, o senhor me transmitiu um passe, ontem de madrugada, que me fez muito bem. Eu o vi trajando um terno listrado...

- É o desta calça – disse ele – e já faz quinze dias que o estou usando.

Como todos sabemos, o fenômeno de desdobramento tem sido registrado em todos os tempos. Antônio de Pádua, por exemplo, na terça-feira santa do ano de 1226, quando pregava na Igreja de São Pedro de Orveyroix, em Limonges, desdobrou-se. Os monges dum mosteiro, localizado noutro extremos da cidade, viram-no sair da capela, ler no ofício a passagem designada e desaparecer, em seguida.

Afonso de Lignori, encarcerado em Arezzo, abster-se de alimentos na cela onde permanecia, quieto. Cinco dias após, despertou pela manhã e afirmou ter assistido aos últimos momentos de Clemente XIV. Ele fora visto ao lado do papa moribundo, confirmando-se, portanto, suas palavras.

Outro fato que merece ser relatado, por tratar-se de ocorrência registrada com Chico Xavier, foi publicado na revista portuguesa “Estudos Psíquicos”, na edição de dezembro do ano passado.

Numa sessão realizada no Centro Espírita “Dr. Dias da Cruz”, em Caratinga – Minas Gerais – em março do mesmo ano, Henrique Magalhães, colaborador daquela revista, os conta o seguinte:

“A seguir, encontraram-se à materialização de Chico Xavier, o qual falou conosco em linguagem bem conhecida, abraçando-nos, bem como a uma sua sobrinha, que também se encontrava no local. Esta última, encarnada.

Foi a primeira vez em minha vida que abracei um espírito materializado, cuja criatura – Chico Xavier – ainda está vivendo entre nós, com a graça de Deus, pois ainda muito esperamos de seu labor.”

“A ação extracorpórea do homem encarnado – explica Alexandre Aksakof – pode ir até o desdobramento do organismo, ostentando um simulacro de si mesmo, o qual se torna ativo durante certo tempo, independentemente de seu protótipo, e apresenta tributos incontestáveis de corporeidade.”

No caso particular da materialização de Chico Xavier – afirma nosso confrade Aureliano Alves Neto, em brilhante artigo publicado no jornal “Mundo Espírita” – houve, concomitantemente, um fenômeno espírita, de vez que se fez imprescindível a doação de ectoplasma por parte dos médiuns do Centro Espírita “Dr. Dias da Cruz.”

Embora sejam raros os fenômenos desta natureza verificados com Chico Xavier, não podemos deixar de considerá-los como parte integrante da sua incomparável faculdade mediúnica a serviço do progresso moral e intelectual da humanidade.

Manuseando as páginas da história, verifica-se que, desde épocas remotas, Deus tem enviado à Terra missionários capazes de ajudar o homem na sua grande caminhada rumo à perfeição, cada um desempenha seu trabalho no setor que lhe é peculiar. Assim, espíritos de escoltem reencarnado em nosso orbe terreno, em cumprimento dessa árdua tarefa, de acordo com os planos traçados pela Divina Providência.

É no campo da mediunidade que se observa acelerado movimento visando esclarecer o homem que a vida continua tal como na Terra; que o

Espírito, após a morte do corpo físico, conserva sua individualidade e que seu progresso espiritual só se completará através das múltiplas reencarnações, neste ou outros planetas, dependendo do grau evolutivo que tenha alcançado.

Sim, no caso da mediunidade, dissemos, porquanto foi pela comunicação dos espíritos, servindo-se das mais variadas faculdades mediúnicas, que os céticos e inveterados materialistas do século passado renderam-se diante da evidência dos fatos.

E Chico Xavier, que detém mediunidade segura, graças às aquisições do seu passado de sofrimento e de lutas jamais fracassará, pois tem como guia e protetor aquele que sempre esteve junto dele em pretéritas existências: trata-se de Públios Lântulus, presidente da Judéia, ao tempo do Cristo.

Hoje, no Plano Espiritual, mais ligado ao Chico por laços afins, após ter sido Manoel da Nóbrega, companheiro da Anchieta, quando muito contribuiu para assentar as bases do Cristianismo Nascente em nossa Pátria, apresenta-se como Emmanuel, cujo nome significa “Deus conosco”, para continuar a grandiosa obra de evangelização em nossa terra, servindo-se da sua mediunidade desde 1931, quando apareceu ao médium pela vez primeira, como um velhinho de barbas longas e brancas, apoiado num cajado.

Desde então, a faculdade mediúnica vem-se aprimorando cada vez mais. Não sabemos qual técnica usada pelos mentores da espiritualidade para este aprimoramento, mas de uma coisa temos certeza: as obras que até agora foram ditadas por seu intermédio, abordando assuntos de ordem científica, filosófica e religiosa, atestam que está, realmente, preparado para o exercício mediúnico que abraçou desde o dia 7 de maio de 1927, quando assistiu à primeira sessão espírita. Nesse dia, fora dado por ele o primeiro passo. Outros mais seguiram-se a este e, em 1932, a Federação Espírita Brasileira lançava seu primeiro livro “Parnaso de Além-Túmulo” com grande sucesso, pois não deixava dúvida quanto à autoria atribuída às poesias compiladas nessa monumental obra literária.

Victor Ribas Carneiro

Jornal Espírita, julho de 1977, São Paulo, SP

50 Anos Depois: Este jubileu vale mais que ouro

O médium de Uberaba atinge o meio centenário de glórias, evitando as glorificações humanas. Por sinal, ele está em repouso, naturalmente esgotado por uma atividade fora de série que se intensificou nos últimos 6 anos, a partir daqueles dois “Pinga-Fogos”, na televisão, quando delineou-se de fato em nosso país nova fase de concepção e observação popular. Hoje, já se pode falar (tendo em vista o sucesso retumbante de Chico na TV) em “antes e depois de Chico Xavier”. Enquanto há os que se curvam reverentes e gratos a Chico Xavier por estes 50 anos de caridade, amor e verdade na perfeita personificação do Paraclete entre nós, no “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, há os exploradores, aproveitadores e açambarcadores “à margem do espiritismo”. A sombra do humilde médium mineiro é usada como que uma capa apanhada sorrateiramente, para proveitos diversos. Mensagens duvidosas, apócrifas, forjadas, adulteradas, rolam pelas ribanceiras dos mistificadores insaciáveis, falsos profetas que procuram uma santificação à custa dos 50 anos de trabalho cristão verdadeiro deste homem que não admite ser mais que um burro de carga da Espiritualidade, mas a cujos pés os farsantes das sombras deveriam em verdade se prostrar, envergonhados de tantas sandices, maldades e cinismo. Peçamos a Deus muitos e muitos anos de existência física para o querido Chico, o Brasil precisa dele. Porque do Brasil, para todo o mundo, através da Doutrina Espírita, partem as claridades redentoras. Manifestamos a Chico Xavier a nossa alegria por este jubileu que vale mais que ouro. São 50 anos de amor puro, sob a árvore frondosa do Evangelho.

Zair Cansado
Jornal Espírita, julho de 1977, São Paulo, SP

O Médiun dos Impactos

I – O Homem

Francisco de Paula Cândido nasceu em Pedro Leopoldo, pequena cidade de Minas Gerais, no dia 2 de abril de 1910 e seus pais foram João Cândido Xavier, simples operário, e Maria João de Deus, humilde lavadeira, desencarnados, respectivamente, em 1960 e 1915. Ficaria, entretanto, famoso e conhecido no mundo pelo nome literário de Francisco Cândido Xavier ou, simplesmente, Chico Xavier.

Seus 67 anos nesta encarnação constituem uma epopéia marcada pelos dissabores da orfandade, pela doença, pela pobreza material, pela capacidade de trabalho, pela disciplina e perseverança, sobretudo pela mais extrema dedicação a uma causa, a mais nobre e sagrada de todas: a da Doutrina Espírita, a de Jesus.

Houve compensações? Sim, as de ordem espiritual, as mais valiosas.

O próprio Chico Xavier diz: “Tenho tido uma compensação muito maior que aquela que pudesse vir ao meu encontro através do dinheiro: é a compensação da amizade. O espiritismo e a mediunidade trouxeram-me amigos tão queridos, que me dispensam tanto carinho, que eu me considero muito mais feliz com estes tesouros do coração, como se tivesse milhões à minha disposição.” (ver Entrevistas, edição do Instituto de Difusão Espírita, SP, 1975, pág. 23, tópico “O Salário da Mediunidade”).

Órfão de mãe aos cinco anos, sua infância foi difícil e sua instrução não passou do primário, depois melhorada por força do estudo exigido para o melhor desempenho das tarefas mediúnicas. A este respeito, o próprio Chico Xavier esclareceu (ver No Mundo de Chico Xavier, de Elias Barbosa): “Em 36 anos de convívio estreito, quase diário, ele (Emmanuel) me traçou programas e horários de estudo, nos quais a princípio incluiu até datilografia e gramática, procurando desenvolver os meus singelos conhecimentos de curso primário, em Pedro Leopoldo, o único que fiz até agora, no terreno da instrução oficial.”

Exerceu os empregos mais humildes, como servente de fábrica de tecidos (aos 9 anos), ajudante de cozinheiro, empregado de armazém e funcionária, Coração generoso, ala simples, sempre procurou minorar o sofrimento.

mento Pequenos e rápidos exemplos de como Chico Xavier se considera realmente perante o mundo:

“Estou na situação de laranjeira de condição extremamente inferior quando recebe a enxertia. Os frutos generosos são filhos da planta nobre que concedeu a laranjeira pobre e triste a honra de lhe ser, por algum tempo, o magnânimo inquilino. Retirada a dadivosa ocupante, o vegetal que fica é resíduo inútil...” (Ditado a Clovis Tavares, em Trinta anos com Chico Xavier, pág. 11).

“... receber livros dos Instrutores Espirituais não me cria privilégio algum, que estou apenas cumprindo um dever e que sou m médium tão falível quanto qualquer outro, com necessidade constante de oração e trabalho, boa vontade e vigilância... Sei que sou um espírito imperfeito e muito endividado, com necessidade constante de aprender, trabalhar, dominar-se e burilar-me, perante as leis de Deus.” (No Mundo de Chico Xavier, de Elias Barbosa).

De uma entrevista concedida por Chico Xavier e publicada no Anuário Espírita de 1967, portanto há 10 anos, vamos citar resumidamente algumas das respostas que deu ao repórter a seu próprio respeito e que, sabemos, continuam válidas até hoje: a velhice não o preocupa; não se considera cansado: o tempo o vai amadurecendo a pouco e pouco; sente-se alegre e otimista; ama a vida (Presença Divina em toda parte); encara a morte como “mudança completa de casa sem mudança essencial da pessoa”; mudou-se de Pedro Leopoldo por motivo de saúde; não tem carro nem empregados; a saúde está relativamente bem, exceção natural dos olhos que sempre os teve enfermos; sente dores comumente; faz tratamento rigoroso e constante; considera que a cegueira “seria uma provação sem ser uma tragédia”; sofreria se ofendesse ou prejudicasse alguém; chora como qualquer pessoa; gosta de animais, de solidão, às vezes; trabalha, mesmo aposentado, embora tire alguns dias de férias anuais; gosta de fazendas, praias, de viagem de ônibus, de preferência com amigos, de andar a pé; desculpa sempre as ofensas, que recebe como avisos preciosos; gosta de literatura, de pintura, de cinema (de filmes que nos façam sentir melhores); ouve música; lê jornais para informar-se; levanta-se cedo; de manhã trabalha com os amigos espirituais; almoça ao meio-dia, comida do interior, comum; bebe água; não dorme após o almoço; gosta de doces, de café,

não fuma; de tarde, trabalha no serviço da doutrina; não janta; de noite trabalha; deita-se tarde; dome tranqüilo; tem bons sonhos.

II – O Médiun

Francisco Cândido Xavier, para nós, é o maior médium do mundo pelos seguintes motivos:

- a) capacidade de sintonia com muitas entidades espirituais, mais de 500 espíritos diversos;
- b) quantidade de obras publicadas, ou seja, na da menos de 150 com tiragem total de milhões de exemplares;
- c) diversificação das obras publicadas, que abrangem numerosos assuntos, compreendendo poesias, romances, contos, crônicas, história geral e do Brasil, ciência, filosofia, religião, etc.;
- d) qualidade das obras publicadas, de elevada concepção moral e educativa;
- e) tempo de exercício ininterrupto da mediunidade: 50 anos completos;
- f) variedade das aptidões mediúnicas, reunidas num só instrumento: audiência, vidência, cura, transporte, materialização, psicofonia, psicografia;
- g) cumprimento integral e exemplar do mandato mediúnico.

A atividade mediúnica de Chico Xavier pode ser assim esquematizada:

1º período – dos 5 aos 17 anos (1927), em que vê o espírito da mãe desencarnada e escreve, ditado por um espírito, uma página sobre História do Brasil, destinada a um concurso entre escolares (1922, aos doze anos de idade), bem como outra composição sobre a areia, também ditado pela entidade amiga.

2º período – de 1928 a 1931, em que recebe mensagens de adestramento da psicografia, muitas delas publicadas em órgãos da imprensa profana, como Jornal das Moças, Suplemento Literário de O JORNAL, Almanaque das Lembranças, de Portugal. Essas mensagens foram inutilizadas por ordem de Emmanuel. Nesse período os trabalhos do sensitivo eram publicados com a assinatura F. Xavier.

3º período – de 1931 até hoje; mediunidade dirigida, orientada por Emmanuel, guia e protetor espiritual do médium, de que resultou o acervo

apreciável de obras mediúnicas as mais diversas, a começar pelo Parnaso de Além-Túmulo, conjunto de maravilhosas poesias, publicado pela primeira vez em 1932.

A primeira atividade espírita de Chico Xavier se deu no dia 7 de maio de 1927, numa reunião de preces em benefício da irmã doente, Maria Xavier Pena, reunião essa orientada por José Hermínio Perácio que, juntamente com a esposa, D. Carmem Perácio, fundariam pouco depois, o “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, insto é, em 21 de junho do mesmo ano.

Em 1927, no dia 18 de julho, uma sexta-feira, no “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, em Pedro Leopoldo, escreveu sua primeira mensagem, ditada PR “Um Espírito Amigo”, a respeito de um tema evangélico, “um apelo ao cumprimento de nossos deveres espíritas perante Jesus.”

Em 18 de janeiro de 1929, D. Carmen Pena Perácio teve linda visão, prenunciadora na missão espiritual de Chico Xavier, de psicografar o livro mediúnico: vê uma “chuva” deles caindo sobre o médium.

Numa Tarde de domingo, no lugar “Açude”, junto à linha férrea, em 1931, numa reunião de preces ao ar livre, Chico vê Emmanuel pela primeira vez, na figura de um velhinho apoiado num bordão: só mais tarde o vê na figura do Senador romano.

Em 1931 recebe os poemas do Parnaso, que é publicado em 1932. Era o começo de uma longa atividade mediúnica cujos frutos constituem, hoje, uma vasta e bem caracterizada literatura espírita, ao lado das obras não-mediúnicas.

O aparecimento do Parnaso causou o primeiro impacto na comunidade espírita, com intensa repercussão no meio profano, fato que exporemos melhor em outro artigo.

Em 1944, com a publicação de obras mediúnicas assinadas por Humberto de Campos, espírito, e psicografadas por Chico Xavier, novo impacto provoca grande celeuma no meio espírita, pois a viúva do famoso escritor promove ação judicial contra o médium e a Federação Espírita Brasileira, a respeito dos direitos autorais devidos. As obras de Emmanuel, as de André Luiz, provocam também outros impactos emocionais, levando os espíritas à leitura e ao estudo de livros opulentos de ensinamentos e sabedoria, trazendo para as fileiras espíritas numerosos adeptos, convencidos

das verdades eternas expostas nos livros mediúnicos. Outros impactos viriam.

A mediunidade é explosiva em Chico Xavier. Poderia ter sido fenomenal como audiente, vidente, em efeitos físicos, em ectoplasmia. Devia sê-lo, somente, na psicografia, pois que era seu objetivo maior dar livros, livros à mão cheia e mandar o povo pensar...

Em efeitos físicos sabe-se que produziu, assim mesmo, coisas maravilhosas. Conta Joaquim Alves (Jô) que um caramujo grande, belo, molhado de água salgada e gelada, com restos de areia fresca, foi jogado aos seus pés, em reunião com o Chico, trazido por Scheilla, reunião esta que se realizava no Triângulo Mineiro, a centenas de quilômetros do mar.

De outra feita, é uma rosa amarela, com as pétalas orvalhadas, que é trazida do Norte do País para reunião mediúnica. É ainda Jô que nos revela o aparecimento, numa sessão, de grandes espíritos materializados: Cidália, madrastra de Chico; Meimei, com suas ondas de perfume, numa roupa Romana de tonalidade azulínea, trazendo no peito uma Via Láctea, com miríades de estrelas tremeluzindo com invulgar fulgor, nas mãos uma rocha representando a fé; Emmanuel, que fala aos presentes; Scheilla, que radiografa o estômago de um doente, permitindo aos presentes verem as vísceras em funcionamento, e Auta de Souza. Aberta a porta da cabina, o médium, Chico Xavier, dormia e de seu peito irradiava um foco de luz, que formava no espaço a palavras AMOR.

Mais alguns exemplos emocionantes de fatos mediúnicos devidos a Chico Xavier:

Ermelinda de Paula Peixoto, conta-nos Clóvis Tavares (Presença de Chico Xavier, de Elias Barbosa, pág. 65), numa reunião em Campos, com Chico Xavier, pede-lhe que escreva em seu álbum alguns sonetos do Parnaso. Isto feito, Ermelinda passa a ler o que fora escrito e depara com esta quadra, intitulada “Apelo a Ermelinda” e assinada por Casimiro Cunha:

“Ermelinda, a nossa Escola
É um templo de Amor e Luz!...
Eleva-te. Vence o mundo!
Vai trabalhar com Jesus”.

Ermelinda põe-se a chorar, comovida e explica que abandonara a “Escola Jesus Cristo”, de evangelização, que freqüentava, mas voltaria a se matricular, o que de fato fez.

O mesmo Clovis Tavares, em Trinta Anos com Chico Xavier, relata o seguinte: em 15 de outubro de 1966, em Uberaba, em reunião com o Chico, este lhe comunica estar presente um espírito jovem que se diz chamar Emília Neves, desencarnada em 1938 e que, por algum tempo, freqüentara a escola Jesus Cristo, de Campos. Noutra reunião à noite, o mesmo espírito, também presente e visível aos olhos do médium, dita para ele um bilhete, em que diz ter morrido em 20/03/1938 e não em 20/08/1938, como antes anotara o Chico. Emília Neves havia desencarnado em Itaperuna e lá obteve, Clóvis Tavares, a informação do fato e da data indicada pelo Espírito, mediante cópia da certidão de óbito, que estampa em seu livro (rodapé: pág. 169).

Conta Newton Boechat (Presença de Chico Xavier pág. 127) que Dna. Esmeralda Bittencourt, cooperadora da seara, morava com a filha na rua Itapira, no Rio, onde conhecera um açougueiro português, de nome Manuel, de estatura média, pela avermelhada, que lhe externara o desejo de ingressar em certa ordem espiritualista de Lins. Dna. Esmeralda lhe retrucara que nada melhor havia, nesse particular, que a Doutrina Espírita, com seus postulados e suas diretas conseqüências aplicáveis na vida de relação humana.

O açougueiro, entretanto, realizou seu desejo. Um dia, a filha anuncia à Dna. Esmeralda que o Manuel Templário, como o chamavam então, havia desencarnado.

Anos depois, Dna. Esmeralda vai a Pedro Leopoldo e o Chico, que psicografava, pára, por instantes e lhe diz:

- Estou vendo ao lado da senhora uma entidade espiritual, de estatura média, pele avermelhada, abraçando-a carinhosamente e perguntando se se lembra dele: dá o nome de Manuel Templário.

E diante da senhora que chorava, emocionada, acrescentou o médium:

- O nosso Manuel pede que lhe diga que a senhora tinha razão no caso da organização secreta, a qual, em verdade, não lhe auxiliou a libertação espiritual da maneira decisiva. Nada melhor do que a Doutrina Espírita para simplificar nossas vidas.”

Jean Manzon e David Nasser na época obscuros repórteres, vão a Pedro Leopoldo e, dizendo-se jornalistas franceses, entrevistam Chico Xavier, fazendo o que quiseram. De volta ao Rio trazem dois livros, oferta do Chico, e ao abri-los, deparam com dedicatórias do médium, em que os cita pelos próprios nomes.

Chico Xavier tem respondido a muitas perguntas em numerosas ocasiões em que é entrevistado, seja por espíritas, seja por leigos, no jornal, no rádio, na televisão. Vamos citar aqui algumas das respostas que ele deu a assuntos os mais diversos, mas de grande importância para todos nós. Colocamo-nos no II – O MÉDIUM, porque o próprio Chico sempre fala orientado por Emmanuel, ou como sensitivo de grande acuidade espiritual, intuitivamente:

a) sobre a operação plástica, esclareceu que se a Providência Divina no-la concedeu, será naturalmente para que venhamos a valorizar, cada vez mais, o veículo físico pelo qual nos externamos na Terra, por ser a plástica regeneradora um fator de grandes estímulos psicológicos para que a alegria de viver não feneça em nossos corações e para que possamos trabalhar com mais interesse, com mais estímulo, no rendimento de nossa vida para o bem de todos;

b) sobre o congelamento de um ser vivo, explicou que o Espírito fica mais ou menos ligado ao corpo se houver vida orgânica assegurada por métodos científicos, podendo o espírito também desempenhar alguma tarefa, em desdobramento, enquanto ligado ao corpo;

c) quanto à alimentação de um ser vivo, explicou que ainda é necessária para muitas pessoas que, somente com a evolução, poderão dispensá-la sem prejuízo de qualquer espécie; deve ser evitada em excesso, pelo menos;

d) quanto às comunicações com os desencarnados, o médium assim se manifestou: “Do ponto de vista literário, muitas vezes tenho tido a visita de poetas e escritores que desejam escrever sobre os temas que os sensibilizaram neste mundo, mas sem maior proveito para a fé. Eles, às vezes, querem escrever, conversar. Falam de páginas maravilhosas, se fossem escritas; contudo, Emmanuel corrige o assunto e não permite que as páginas venham por nosso intermédio, porque ele considera que do Mundo Espiritual para nós deve vir aquilo que for construtivo, que possa nos ajudar;

e) a respeito do divórcio, disse Chico Xavier certa vez que é medida humana; que processos novos de vivência possam se inspirar nessa lei de libertação, que é uma lei justa em favor da páis de nossos lares, com emancipação para o homem e para a mulher, sem a ilusões e fantasias do amor possessivo, do amor egoístico, de um lado ou do outro, porque cada um é senhor do próprio destino;

f) o homossexualismo mereceu o seguinte comentário: não devemos desconsiderar, de maneira nenhuma, a maioria de nossos irmãos que vieram e estão na Terra com condições inversivas do ponto de vista do sexo, realizando tarefas muito edificantes em caminho de redenção de seus próprios valores íntimos. Consideramos isso com muito respeito...

g) o tema do amor livre foi assim considerado pelo médium: o sexo é responsável quando instrumento do amor. Portanto, as nossas ligações de natureza sexual devem obedecer ao critério da lei, da palavra empenhada, do compromisso, da monogamia enfim, embora nos amemos infinitamente uns aos outros; no terreno do sexo, o amor precisa de represa para que ele não faça um inundação destrutiva, criando calamidades sentimentais ou suscetíveis de arrasar com a família, com a nossa organização social;

h) o aparecimento na televisão, quando antes não dava entrevistas, é assim explicado por Chico Xavier: “Nosso Emmanuel sempre me disse: “Após o centésimo livro mediúnico, nós permitiremos que você converse algumas vezes publicamente com os nossos irmãos”. Então, depois dos 100 livros, o que foi completado em 1969, ele permitiu que eu viesse algumas vezes à televisão”;

i) sobre as viagens ao exterior, tão comentadas, disse: “Creio que visitei países do exterior por acréscimo de misericórdia Divina, pois, realmente, não tenho títulos nem merecimento para viagens culturais.”

j) o transplante de órgãos foi visto assim pelo médium: “A causa da rejeição remonta ao corpo espiritual e não poderia exigir que a ciência abraça afirmativas nossas, sem experimentação positiva. O problema dos transplantes é legítimo e deve ser levado a diante. Os espíritos acham muito natural venhamos a doar os órgãos prestantes a companheiros necessitados deles que possam utilizá-los com segurança e proveito. A doação de órgãos não traz dor nem maiores conseqüências ao espírito que desencarna. O doador, naturalmente, não tem, em absoluto, sofrimento algum,

mesmo porque a morte quase nunca é dolorosa, exceto em casos excepcionais. Os espíritos auxiliam os médicos em suas tarefas. O receptor tem uma sobrevida, que lhe pode ser muito útil e o doador terá contribuído para o progresso da medicina no mundo”;

k) relativamente ao tubo de ensaio para produção do bebê de proveta, disse o médium: “Tenho ouvido por diversas vezes o espírito de Emmanuel a respeito disso. Ele diz que o nosso respeito à Ciência deve ser incontestado e que o progresso da Ciência é infinito, porque a solução do problema do tubo de ensaio para o descanso do claustro materno, é visível. Mas, restará à Ciência um grande problema, o problema do amor com que o espírito reencarnante é envolvido no lar pelas vibrações de carinho, de esperança, ternura e confiança de pai e mãe...”

O médium admirável nos levaria a encher páginas e mais páginas, por isso acrescentamos apenas o seguinte:

O prof. Herculano Pires, em *Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade*, de Roque Jacinto, fala-nos de Chico, O Interexistente, explicando que pessoas como Sócrates, Descartes, Joana D’Arc não apenas existiram mas também interexistiram. Quer dizer, cada uma delas existia ao mesmo tempo no aqui e no agora, como homem no mundo, e existia no além, como homem fora do mundo. Assim também é o Chico. Nos médiuns, continua o prof. Herculano Pires, a duplicidade vivencial se acentua de tal maneira que eles vivem ao mesmo tempo na duas formas de existência, neste intercâmbio que achamos interexistencial. Entretanto, observa o prof. Herculano, é bom esclarecer que o além não está além de nós mesmos, está pelo contrário, infiltrado no aquém; misturado ao aqui e ao agora, da mesma maneira que o espírito está infiltrado no corpo e com ele fundido. Chico Xavier vive, como sensitivo de extraordinária capacidade perceptiva, no mundo da matéria e do espírito, ao mesmo tempo!...

Pedro Franco Barbosa
Jornal Espírita, julho de 1977, São Paulo, SP.

Meio Século de Fidelidade a Kardec

No dia 2 de abril de 1910, surgiu nos céus do Brasil, em Pedro Leopoldo, uma refulgente estrela cujo brilho, até hoje, se reflete em nosso orbe terráqueo, iluminando e esclarecendo milhões de mentes e corações.

Francisco Cândido Xavier.

Missão santificante e gloriosa a serviço do Cristianismo Restaurado.

Desde a idade dos cinco anos, começou a perceber a influência de espíritos. Com o decorrer do tempo, sentiu o grande desejo de obter conhecimento sobre os fenômenos mediúnicos.

Graças a um amigo, chegaram-lhe às mãos os livros da codificação do Espiritismo. O seu apostolado mediúnico começou na noite de 8 de julho de 1927, em uma reunião pública, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, na cidade de Pedro Leopoldo, quando estava presente a médium Carmem Perácio, que lhe comunicou a presença de um espírito amigo que desejava transmitir-lhe uma mensagem. Francisco Cândido Xavier apanhou o papel sobre a mesa e escreveu 17 páginas.

Segundo nos declarou, lê, diariamente, um trecho do Testamento Kardequiano e um tópico de “O Novo Testamento”, mantendo permanente contato com a estrutura granítica da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

A produção mediúnica é impressionante. Mais de 150 livros. Milhões de exemplares. Traduções para o francês, inglês, japonês, castelhano e esperanto.

Em 1974, a revista *Argentina Conhecimento* afirmou que “a faculdade psicográfica de Francisco Cândido Xavier é assombrosa”.

O médium é considerado como a mais estranha antena psíquica do século XX.

O Movimento Cristão-Espírita do Brasil muito deve a esse querido medianeiro, cuja humildade é deveras impressionante.

A primeira obra mediúnica literária do médium é *Parnaso de Além-Túmulo*, editada pela Casa de Ismael, em 1932, cujo objetivo primordial é demonstrar a sobrevivência dos poetas, através de temas e estilos.

Essa obra alcançou grande repercussão, reunindo poesias dos espíritos Guerra Junqueira, Castro Alves, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, etc.

A fidelidade do médium na preservação da pureza do contexto kardequiano não deixa nenhuma sombra de dúvida em face de sua produção mediúnica eminentemente cristã-evangélica.

Emmanuel é o seu guia espiritual que lhe vem supervisionando a obra com acendrado amor.

Religião dos Espíritos, Seara dos Médiuns, O Espírito da Verdade, e Justiça Divina, pelo espírito de Emmanuel, tornaram cativante o aprendizado de O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo e O Céu e o Inferno.

Sua produção mediúnica compreende obras de literatura, poesias, romances, contos, crônicas, literatura infantil, história (história geral e do Brasil) e doutrinárias (científicas, religiosas, filosóficas), reveladoras (romances de André Luiz) e de moral evangélica (ativamente moral).

Segundo depoimento pessoal do médium, nestas cinco décadas de mediunidade santificante, sente-se como se estivesse viajando, aprendendo sempre. Diz-nos ele que esses livros que psicografou não lhe criaram nenhum privilégio, trazendo-lhe, pelo contrário, muita responsabilidade. E mais: ele não é o que imaginam, mas o que é verdadeiramente, isto é, um espírito necessitado, constantemente, de trabalho, oração, boa vontade e vigilância.

O médium jamais se serviu de sua produção mediúnica para auferir vantagens ou qualquer proveito próprio. Faz doações desses livros para as obras de assistência social, em nome da caridade.

Em sua cativante humildade, declara que esses livros que passaram por suas mãos não lhe pertencem, mas sim, aos espíritos instrutores e benfeitores.

Outra obra digna de realce é Antologia dos Imortais, editada pela Federação Espírita Brasileira, lançada em Belo Horizonte pela União Espírita Mineira e prefaciada por Dr. Elias Barbosa.

Nessa obra, os espíritos comunicantes demonstram sua predileção pelo soneto.

O prefaciador informa que a mencionada obra não guarda qualquer relação com a imortalidade acadêmica laureada na Terra e afirma que “o

médium é fiel interprete das principais correntes literárias, desde a romântica à modernista, de duas literaturas, a brasileira e a portuguesa, inclusive de poetas folcloristas”.

Essas considerações vêm a propósito, visto que alguns membros da Academia de Letras, manifestando-se sobre essa produção mediúnica, afirmaram que Francisco Cândido Xavier poderia escolher, à vontade, quantas cadeiras de imortais desejasse na mencionada Academia, para ocupá-las em face do vastíssimo acervo cultural-literário que essas obras representam.

Viajou ao exterior em companhia do médium Waldo Vieira e, nos Estados Unidos, América do Norte, recebeu, em inglês, várias mensagens que culminaram com a edição do livro *Entre irmãos de Outras Terras*.

Recebeu dezenas de títulos honoríficos, outorgados por diversas Assembleias Legislativas Estaduais, Câmaras Municipais, Prefeituras, etc.

Participou de inúmeros programas de rádio e televisão. Salientamos o “Pinga-Fogo”m pela TV Tupi de São Paulo, penetrando milhões de lares brasileiros, mostrando ao povo de às autoridades a verdadeira imagem da Doutrina Espírita que sintetiza na afirmação de Emmanuel: “O apostolado de Allan Kardec é a restauração do Cristianismo simples e claro em que Jesus procura o povo e o povo encontra Jesus”.

Dezenas de órgãos da imprensa brasileira e estrangeira já dedicaram ao médium longos editoriais e seu nome foi focalizado em livros e revistas de todo o mundo.

O médium desempenha tarefa intensíssima de atendimento à volumosa correspondência, dificilmente recolhendo-se ao leito antes das duas da madrugada.

Alguns de seus célebres romances, como *Paulo e Estevão* e *Renúncia*, foram radiofonizados e obtiveram retumbante êxito.

O médium já recebeu comunicações de centenas de espíritos, esclarecendo e consolando através de mensagens de fino teor evangélico.

Dificilmente nos próximos séculos surgirá em nosso planeta um médium de tamanha envergadura doutrinária.

Exemplificando que a fé sem obras é morta, mantém um serviço de assistência social, em nome de Jesus, que deslumbra os olhos e edifica os

corações. Milhares de pessoas recebem o pão material e espiritual, em nome da abençoada Doutrina Espírita.

Exerce, atualmente, o seu apostolado no Grupo Espírita da Prece, Avenida João XXIII, nº 1495, em Uberaba, Minas.

A tônica da produção mediúnica de “Chico Xavier” é o perfume da mensagem cristã. Emmanuel, através dele, já situou a posição do Espiritismo, simbolizando um triângulo de forças espirituais em que Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, mas a Religião é o Divino Ângulo que a liga aos Céus.

Rogamos a Jesus Cristo que permita que o nosso médium no dia 8 de julho de 1977, quando estará completando 50 anos de atividades mediúnicas a serviço da Doutrina Espírita, esteja junto de nós no plano físico para, juntos, com as falanges espirituais que nos assistem, abraçarmo-nos mutuamente, dando Glória a Deus nas Alturas, e Desejando Paz ao Homens da Terra.

Floriano Moinho Peres
São Paulo – SP

Cidadão da Luz

Vou começar lembrando meu primeiro contato com Chico Xavier. Sim, era julho de 1974 e eu estava noutra. Me tinha por escritor e fazia um livro sobre a Revolução Farroupilha de 1835. Não sei porque fui redigi-lo em Uberaba, eu precisava de reconhecimento e solidão. Num sábado à noite, cansado de pesquisas e apontamentos, fui ao Centro “Comunhão Espírita Cristã”, pensando em aliviar a cabeça. Conhecer o médium de que todo o Brasil falava. Bem, a fila era enorme, eu queria apenas cumprimentá-lo por curiosidade. Eu tinha um livro de poesias (Um Violinista te Acompanha do Exílio), fui me chegando pelo lado e, quando ele me notou, ofereci-lhe o livro. Chico abriu-o ao acaso, leu algumas linhas, olhou-me e perguntou se eu podia aguardá-lo na sala ao lado.

Surpreso pela distinção que ele me oferecia, aguardei-o sentado por mais de uma hora. Como a fila continuava enorme, já era uma hora da manhã, achei que ele me havia esquecido e tratei de ir embora. Nesse instante, Chico adentrou a sala. Não me lembro agora sobre o que conversamos no início, mas recordo que ele me disse: “Você veio hoje aqui trazido por sua falecida mãe (...). Ela sente-se muito feliz, está atrás de você trazendo um vestido azul com bolinhas brancas e um coque romano no cabelo preto. Diz que você a chama de “Téia” e que sua grande esperança foi, e é, vê-lo cooperando na obra da Criação Divina”... Sim, foi isso. Ninguém me conhecia na cidade, não era telepatia, mas como ele poderia saber? Empalideci, a boca ficou sem saliva, o que ele dissera batia 100% com a realidade.

Eu não acreditava em espíritos nem na sobrevivência da alma, meus valores eram outros, eu me tinha por ateu assumido, irretocável, aquilo era a negação básica das minhas armações racionalistas.

Minha mãe era espírita e, antes de morrer, disse-me: “Tu não crês mas, um dia, todos nós temos nossa Estrada de Damasco. Sei que vou desencarnar (ela estava com câncer terminal), mas estarei orando por ti”. Foi a maior perda da minha vida, junto com a do meu filho Fernando Augusto, num acidente de moto. Saí de Uberaba intrigado, conflitado, confuso mesmo. Antes repetira para mim mesmo o famoso monólogo de Amado

Nervo, ante o féretro da mãe que tanto amava: “Padre de los vivos, adonde van los muertos, adonde van?”... Bem, o tempo passou, as águas do rio desceram para o grande mar, muita coisa mudou. A vida mudou. Eu mudei. À minha mãe e Chico Xavier, devo para sempre a opção de seguir o caminho da espiritualidade.

Sou servo que chega atrasado ao banquete do Senhor, mas é importante pra mim que esteja entre os convidados.

Sei que Chico Xavier lerá estas pobres linhas, então este recado me é importante: Convivemos alternadamente entre os anos de 1972/1984 e nos correspondemos até hoje. Compusemos juntos dois livros e tecemos sublimes ideais. Dentre as inúmeras coisas que aprendi contigo sobre mediunidade confiável, a principal delas é que o médium nunca deve mentir. Lastimo que o mundo não tenha compreendido melhor tua mensagem. É antigo hábito da humanidade ignorar, desvalorizar ou desprezar seus mentores e profetas. Sei que depois, depois e muito depois de teres ido para o Mundo Maior, povos e nações te buscarão nas luzes do passado e no presentimento do porvir. Quando vierem as horas de provação coletiva, algumas já acontecidas, outras sem andamento, te buscarão para ouvir-te. Uma vez me disseste que, no Além, gostarias de continuar médium. Acho que isso é o que vai acontecer. Aos que te buscarem em horas de sofrimento, aflição ou problemas difíceis, continuarás o medianeiro entre a Espiritualidade Superior e a Humanidade chapinhando entre paixões e trevas. Habitas o reino onde a luz nunca se apaga.

Não conheço a linguagem dos anjos, por isso não encontro palavras para manifestar-te minha gratidão. Que um dia todos os médiuns confiáveis da Terra possam, ou possamos nos reencontrar auxiliando o amanhecer espiritual da evolução terrestre. O espiritismo ajuda-nos a compreender, medir e aceitar o peso de nossa cruz. Todos somos filhos de Deus por igual; e todos, e cada um, teremos de despertar para a vida Maior. É da Lei Divina e é indesviável. Roga a nós, portanto, teus irmãos pela filiação Divina e pela fraternidade, que nossos caminhos sejam os da justiça e mais os da misericórdia. Porque tu próprio, pelos exemplos que vivenciaste, és a personificação da Misericórdia.

Concluístes tua parte no labor e no sonho. Ensinaste-nos como viver para que Deus permaneça conosco. Porque a morte não separa os afetos verdadeiros, é certo que um dia nos reencontraremos sob a égide de Deus.

Fernando do Oz
Folha Espírita, maio de 1995

Nota de Folha Espírita:

Explicação aos leitores: até aqui usei meu nome civil de nascimento, Fernando Worm. Muita pessoas tinham dificuldade de pronunciar corretamente meu sobrenome, de origem austro-húngara. Então, resolvi cortar três letras do sobrenome, para simplificar. Adotei o pseudônimo: Fernando do Ó. Letra O de Cristo, de Amor e de Trabalho, passando depois a Fernando do Oz.

Nota da Grande Imprensa

Saudar os oitenta e cinco anos de Francisco Cândido Xavier não é comemorar formalidades ou datas. É usá-las para meditar em profundidade sobre o sentido transcendente da vida, sobre o milagre da fé e o grandioso destino da humanidade na direção de Deus, de onde proveio, para onde vai e ao qual pertence.

Ele traz à tona as antigas e profundas virtudes (e virtude quer dizer força) que notabilizaram o cristianismo ao longo dos séculos: humildade, serviço, generosidade, grandeza d'alma, perdão, consolação e até, eu diria, milagres!

No século do personalismo, da tecnologia, do marketing, do estrelato, das técnicas de venda e de convencimento, um desconhecido funcionário da Agricultura em Pedro Leopoldo, interior de Minas Gerais, por ser portador do dom da mediunidade, sem jamais usar uma palavra contra as demais religiões, sem desejar ganhar, dominar, convencer, prosperar, brilhar e através do trabalho silencioso, indormido, modesto e pertinaz, ao longo de quase 60 anos sem férias, sem louros, sem viagens ao exterior, sem aplausos pelo menos nos primeiros 30 anos, alheio ao poder dos homens e das religiões, um então anônimo funcionário do Ministério da Agricultura, M. Gerais, eu dizia, transforma-se pela força moral e pelos dons do Ministério, em gigantesca figura da espiritualidade, um benfeitor privado e público que prêmio Nobel algum da paz seria capaz de superar, igualar-se talvez.

Senador Artur da Távola
Jornal "O Dia" – Rua do Riachuelo, 359
2623-0011 – Rio de Janeiro, RJ

Homenagem à Chico Xavier

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Senadores:

No último domingo, dia dois de abril, Francisco Cândido Xavier, o querido Chico Xavier, o mais famoso médium brasileiro, completou oitenta e cinco anos de idade. É para prestar minha homenagem a esse grande mensageiro da fé que ocupo, hoje, a tribuna desta Casa.

Como em anos anteriores, imagino que essa data tão significativa tenha passado sem maiores comemorações, pois para os espíritas a maneira de contar a idade pela medida da vida terrestre não tem grande valor. Mesmo sabendo que certamente para Chico Xavier seus sessenta e oito anos ininterruptamente dedicados a fazer o bem são muito mais importantes, eu não poderia deixar de registrar nos Anais desta Casa minha admiração pelo incansável trabalho desse ser humano admirável, que vem dedicando toda a sua vida a ajudar os seus semelhantes.

Nascido em 1910, em Pedro Leopoldo, situada em vale ameno nos contrafortes da Serra do Cipó, ao norte de Belo Horizonte, Chico Xavier teve infância difícil e sofrida. Filho de um lar muito pobre, pai operário de uma fábrica de tecidos e mãe lavadeira, o menino Chico ficou órfão de mãe aos cinco anos.

Provado pela dor, muito cedo teve manifestada sua mediunidade. Desde os quatro anos de idade Chico tinha visões, mas somente em 8 de julho de 1927 teve início sua verdadeira missão: a de psicografar mensagens. Desde essa época, começou a se dedicar ao espiritismo e às obras sociais. Sua mediunidade passou a se manifestar com maior intensidade e, ao longo de todos esses sessenta e oito anos, sempre procurou cumprir essencialmente a “missão de caridade” que lhe foi atribuída por seu “guia e mentor”.

Na opinião de muitos estudiosos, Francisco Cândido Xavier é um raro fenômeno de psicografia. Dotado de prodigiosa inteligência e memória, aos dezessete anos, com apenas alguns anos de escolaridade, guiado pelo espírito superior de Emmanuel, começou a escrever poesias. A publicação de seu primeiro livro “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932, por iniciativa

da Federação Espírita Brasileira, causou espanto nos meios literários. Estavam ali, cada um deles em seu estilo, dezenas de poetas brasileiros e portugueses. Seria praticamente impossível a um jovem de vinte e um anos, de poucas luzes, ler e assimilar o universo de criação de cada um dos escritores psicografados.

Castro Alves, Alphonsus de Guimarães, Casimiro de Abreu, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Antônio Nobre foram alguns dos inúmeros escritores que tiveram seus textos psicografados pelo famoso médium mineiro. Muitos dos livros de Chico Xavier foram traduzidos para várias línguas como o espanhol, o esperanto, o francês, o inglês, o grego, o japonês, o tcheco, entre outras.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Senadores,

No plano literário, Chico Xavier é considerado um verdadeiro fenômeno, tendo publicado quase quatrocentos livros.

Os recursos provenientes de seus direitos autorais são inteiramente destinados a obras sociais espalhadas pelo Brasil, principalmente em Uberaba, cidade para onde mudou-se, em 1959.

Em pouco tempo, o modesto funcionário do Ministério da Agricultura, já àquela altura conhecido nacional e internacionalmente por seus dons mediúnicos, começou a atrair para Uberaba pessoas de vários pontos do País e do exterior, que vinham em busca de alento espiritual, de cura para os males do corpo e do espírito.

A promissora cidade do Triângulo Mineiro acolheu Chico Xavier com carinho e o consagrou definitivamente como filho. Na rua Dom Pedro I, a casa número 165 abriga até hoje o homem caridoso que dedica a sua vida aos que sofrem.

Em 1981, Chico Xavier foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho assistencial e por sua obra de divulgação em favor da paz, tendo sido apoiado por cerca de dois milhões de assinaturas recolhidas em todo o Brasil.

Apesar da saúde debilitada desde o final dos anos setenta, Chico Xavier vem resistindo, pregando e visitando os pobres de Uberaba. Com o dinheiro de seus direitos autorais, fundou inúmeras entidades assistenciais e vem

mantendo outras, num total de sessenta instituições em todo o País e deu origem à vasta e enriquecedora obra por ele publicada.

Seu sorriso doce, sua mansidão, sua bondade, sua humildade são inesquecíveis para todos os que têm o privilégio de conhecê-lo. Os que a ele chegaram e ainda chegam, carregados das aflições do mundo, saem com a fé reanimada pelas palavras e pela sabedoria desse grande mensageiro da fé.

Ao concluir meu pronunciamento, gostaria de expressar, em nome dos mineiros e de todos os brasileiros que, como eu, o admiram e conhecem a dimensão de seu trabalho espiritual, a homenagem a Chico Xavier por cumprir tão bem sua missão, com o reconhecimento, em via, da obra de um homem que construiu sua biografia fazendo o bem e pregando a esperança entre os pobres.

Que Chico Xavier possa continuar por longos anos edificando a caridade e a solidariedade que constrói.

Era o que tinha a dizer.

Senadora Júnia Marise
Líder do PDT

Resposta ao Sr. Francisco Galves,
Presidente do C.E.U.
Depto. Editorial

Senado Federal
Gabinete da Senadora Júnia Marise
Brasília, 31 de maio de 1995.
Prezado Presidente,

Com os meus cumprimentos. Agradeço as palavras sobre o pronunciamento que fiz sobre Chico Xavier e desde já, autorizo sua publicação. Como representante de Minas Gerais, reconheço em Chico Xavier um cidadão do mundo, onde a bondade é revelada não só em atos mas no todo que compõe aquele espírito de luz.

Cordialmente,
Júnia Marise

Traços de Chico Xavier

Traços, linhas marcas de uma pessoa são, na realidade, a impressão digital da alma.

Traços de Chico Xavier, em uma tela, criariam o mais belo quadro retratando a paz, o trabalho, a felicidade e o amor.

Pousadas sobre o frio mármore, aquecê-lo-iam, dando-lhe as formas da harmonia, cinzelado pela consciência tranqüila do dever cumprido.

No tempo do poeta, dariam a mais profunda criação, revelando a profundidade do ser.

Na composição do músico, seriam a mais perfeita tradução da alegria de viver.

Os traços de Chico Xavier são como as estrelas: marcam de maneira indelével as rotas, tornando-as seguras para as vitórias íntimas de todos nós.

Pela coragem de viver no Bem, Chico Xavier perpetua a ação agregadora, refletindo em nós a sua presença de luz, que é a do lúcido modificador que atua em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Carlos Madi
São Paulo, 1995

Fim